

As memórias de Ernesto Sabato, na obra *Antes do fim*: o escritor como testemunha de seu tempo / Ernesto Sabato's memories in *Antes do fim*: the writer as a witness of his time

Caio Antônio Nóbrega*
Jenison Alisson dos Santos**
Geralda Medeiros Nóbrega***

RESUMO

Neste artigo, propomos a análise da obra memorialística *Antes do fim*, de Ernesto Sabato, escritor argentino que desenvolve a sua prática de dizer numa perspectiva crítica, em que questiona e denuncia as injustiças na América Latina. A obra de Sabato não se detém apenas na memória individual, mas recorre também a aspectos sociopolíticos e histórico-culturais, que abrangem a memória coletiva e entram em sintonia com a memória saturada. Optamos por ver a obra como autoficcional, uma vez que o autor informa que a sua verdade está na sua ficção, embora ele próprio eleja a obra como uma espécie de testamento. Em seu próprio texto, Sabato faz referência à resistência e aponta a utopia como uma meta a ser alcançada e vivenciada. Sua literatura está comprometida com a realidade, pois o autor afirma que o escritor deve ser testemunha de seu tempo. Na análise que empreenderemos, discutiremos estes aspectos, destacando o compromisso de Sabato com a verdade, buscada e vivida como projeto de vida.

Palavras-chave: Memória; Verdade; Resistência; Testemunha.

ABSTRACT

*In this paper, we propose an analysis of the memorialistic text *Antes do fim*, by Ernesto Sabato, an Argentinian author who develops his practice of saying through a critical perspective, in which he questions and denounces the injustices in Latin America. Sabato's text, however, is not limited to individual memory, for it also tackles social, political, historical, and cultural aspects, which encompass collective memory and attune to saturated memory. We understand Sabato's work as autofictional, for the author himself informs that his truth is within his fiction, even though he elects his text as a type of testament. In his text, Sabato makes references to the act of resistance and points to utopia as an objective to be achieved and experienced. His literature is committed to reality, for the author affirms that a writer must be a witness of his time. In the following analysis, we discuss these aspects, highlighting Sabato's commitment to truth – something that must be pursued and lived as a life project.*

KEYWORDS: Memory; Truth; Resistance; Witness.

1 Introdução

O texto ora estudado, *Antes do fim*, do argentino Ernesto Sabato, é apresentado pelo próprio autor, no segmento “Palavras Preliminares”, como um testamento. Nele, o escritor pede que não procuremos encontrar suas verdades, uma vez que elas só estão

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, Brasil, caioamnobrega@gmail.com.

** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, Brasil, jenison_alisson@hotmail.com.

*** Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, Brasil, geraldamnobrega@hotmail.com.

presentes em sua ficção. De forma similar, em *O escritor e seus fantasmas*, Sabato adverte:

Dada a natureza do homem, uma autobiografia é inevitavelmente mentirosa. E é só com máscaras, no carnaval ou na literatura, que os homens se atrevem a dizer suas (tremendas) verdades últimas. “Persona” significa máscara, e, como tal, entrou na linguagem do teatro e do romance (SABATO, 1982, p. 32).

Eis como o autor desenvolve as suas verdades em *Antes do fim*, livro de memórias estruturado em tópicos e capítulos: “Palavras preliminares”, “I. Primeiros tempos e grandes decisões”, “II. Talvez seja o fim”, “III. A dor rompe o tempo” e “Epílogo: Pacto entre derrotados”. A partir de sua obra, mostraremos o compromisso do escritor com aquilo que procura transmitir, na condição de testemunha insubordinável de seu tempo, nos planos do real e do ficcional, e como isso está intimamente ligado a um compromisso do autor com a verdade.

Sabato tem uma vasta cultura, com influência da cultura dos antigos, razão por que Foucault, que explora temas com base na visão de mundo dos filósofos da antiguidade clássica, será utilizado como um aporte teórico, a começar pela discussão de verdade. O texto de Sabato não se detém apenas na apresentação de suas memórias em um nível pessoal. O autor também critica a realidade no plano sociopolítico e histórico-cultural, denunciando as injustiças com que se convive na América Latina. Logo, é uma literatura de denúncia e de resistência. O texto, marcado por um discurso autobiográfico, consegue ficcionalizar personagens que não estão inseridos no plano da história. E a verdade, sob esta perspectiva, na visão de Foucault (2011, p. 11), configura-se como parrésia, o que significa “dizer tudo da verdade, dizer a verdade sem mascarar-la com o que quer que seja”, tal como se apresenta nas críticas, nas denúncias, atuando também como resistência, pois para ele “a verdadeira resistência é a que batalha por valores que se consideram perdidos” (SABATO, 2000, p. 161).

O autor, em sua fala, “será o dizedor corajoso de uma verdade em que ele arrisca a si mesmo e sua relação com o outro” (FOUCAULT, 2011, p. 14), quando denuncia ou põe em prática a meta de uma literatura comprometida com o real, pois a verdade que transmite elucida o tratamento dado aos sujeitos a que se refere. Esta parece ser a meta

de Sabato. E quando ele diz que sua verdade está na sua ficção, podemos ver a obra como autoficcional.

Mas a verdade também pode ser trabalhada em outras perspectivas. Hutcheon (1980, p. 49), por exemplo, fala da paródia da vida, do embate entre verossimilhança e ficcionalidade e “ênfatiza que [...] o leitor toma conhecimento de que toda ficção é um tipo de paródia da vida, não interessa quão verossímil ela pretenda ser; a ficção mais autêntica e honesta pode muito bem ser aquela que mais livremente reconheça sua ficcionalidade”. Embora, a princípio, a teórica canadense esteja se referindo a um tipo de literatura reflexiva ou metaficcional, a questão da verdade muito se articula à prática autoficcional realizada por Sabato, uma vez que a suspeita do real produz uma ficção agregada à realidade, que pode remeter a uma segunda realidade tolhida pela linguagem. A ficção, pois, aparece para nós como confiável, ou seja, mais real do que o real. *Antes do fim*, defendemos, provoca no leitor exatamente esta sensação.

A teoria, pois, será o aporte que acobertará ideias, conhecimentos e recursos utilizados para o desenvolvimento de uma verdade, manifestada através da memória.

A partir da seleção dos dados que serão trabalhados, utilizaremos uma bibliografia adequada para recobrir conceitos e posições de Sabato sobre determinados aspectos da memória. A partir da discussão desses conceitos, buscaremos perceber a própria visão de mundo do autor – o quanto seu pensamento e a aplicabilidade de suas ideias são a tônica de memórias representativas de um tempo específico, associadas aos planos sociopolítico e histórico-cultural, o que atuará como uma metodologia.

2 Sobre a memória

Trabalhar com memórias significa lidar com aspectos memorialistas, representados por lembranças, reminiscências, recordações e evocações, entre outros, o que é também uma recorrência ao tipo de memória utilizada.

Para Halbwachs (2006), tratar a memória é fazer referência não apenas à memória individual, mas também à memória coletiva. A partir daí, compreendemos que “se a memória coletiva tira sua força e duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram enquanto integrantes do grupo”, pois “diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva,

que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Sabato, pois, em sendo capaz de discernir influências variadas sobre o que resulta de suas lembranças, faz o intercâmbio entre o que é relativo ao coletivo e o que é próprio de sua visão pessoal do mundo. A insistência do autor em trazer à tona o compromisso com a verdade do visto, do vivido e do transmitido chega a saturar a memória, o que pode ser comprovado com a discussão de Robin, na obra *A memória saturada* (2016). De acordo com a teórica, “coleccionar fragmentos, pedaços de silêncios, seria um primeiro passado para um abandono dos passados fatais, o princípio de uma desapropriação, a tessitura de uma outra memória” (ROBIN, 2016, p. 461). O excesso de memória com que nos deparamos em relação às informações memorialistas de Sabato se insere no contexto de uma nova era do passado, não como uma figura do esquecimento, mas como saturação de um passado, da relação com a origem real e imaginária dos acontecimentos.

Muitos conceitos são estabelecidos pelo próprio Sabato. A resistência se dá como tema, assim como a utopia, a autoficção e a verdade. Há, no texto, um viés testemunhal, associado à literatura de resistência, conforme é trabalhado por Bosi (2002), que alia a um projeto voltado para a dimensão do futuro uma visão utópica. Resumindo tudo isto, citamos Bosi (2002, p. 135), para dizer com ele: “o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente”.

3 A memória em Sabato

Sabato afirma não ter boa memória e alega que talvez isto seja um meio de recordar apenas o que se deve, por isto investe no “cuidado de si” e as próprias atividades a que faz alusão agem como um recurso no trajeto de busca vista por ele como primordial. Seu cuidado de si inclui sua disposição para narrar alguns acontecimentos em suas memórias – “tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 1985, p. 57). Ainda segundo Foucault (1985), o cuidado de si comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro, o

que acaba por permitir a “saída de si” para fazer o outro participar de uma reelaboração de uma ética do domínio de si, incluindo a verdade que nós queremos que prevaleça sob qualquer modalidade.

Sabato (2000, p. 20) reconhece que “os anos, as desgraças, as desilusões, longe de facilitarem o esquecimento, como se costuma pensar, tristemente o reforçam”. Era um menino solitário, que se sentia abandonado, tinha pesadelos e alucinações, além de sonambulismo. Carente de compaixão e carinho.

Falando sobre os imigrantes que continuavam vendo suas montanhas e seus rios, separados pela dor e pelos anos, Sabato registra este sofrimento através de uma letra de música, escrita em espanhol, com a tradução em pé de página, da qual registro os três últimos versos:

Mundo que mal entrevemos quando estamos muito sós
Neste caos de ruído e de cimento
Já sem lugar para os pátios com glicínias e cravos (SABATO, 2000, p. 25).

Na parte inicial do primeiro capítulo, Sabato se sente rodeado de penumbras que entrevê, em meio ao abatimento e à desgraça, e se dispõe “a contar alguns acontecimentos, entremesclados, difusos, que fazem parte de tensões profundas e contraditórias de uma vida cheia de equívocos, desordenada, caótica numa desesperada busca da verdade” (SABATO, 2000, p. 19).

Dedica o livro aos jovens e conclama-os à solidariedade e à resistência. *Antes do fim* (2000) é o título de uma obra triste, no registro da vida de um homem triste, razão por que o livro também é dedicado àqueles que, segundo Sabato (2000, p. 12), “se aproximam da morte e se perguntam para que e por que vivemos e lutamos, sonhamos, escrevemos, pintamos ou, simplesmente, empalhamos cadeiras”.

As lembranças que Sabato tem de seu pai são contraditórias. Admiração e medo se combinam, se excluem e se aproximam. Neste caso, podemos dizer que “ao atuar como eco, arquivo, duplo do eu, a memória impõe ao sujeito que lembra a consciência (falsa) da sua plenitude e autonomia [...]” (MIRANDA, 1992, p. 120). São os mesmos fios de um tecido trançado, em que esquecer e lembrar os fios que o Outro tece torna-se alienante. A experiência do passado chega ao presente como uma memória que descobre, desconstrói, desterritorializa e envolve os fatos vivenciados numa urdidura sempre renovada e recriada.

Rememorar a infância é um recurso do “cuidado de si” que testemunha os fatos “restos de uma ilusão, meros fragmentos de um sonho sonhado” (SABATO, 2000, p. 32), que constatam que a infância já terminou. Os anos dos estudos secundários foram de importantes descobertas. Buscou refúgio na matemática, na arte e na literatura e, ao longo dos anos, leu apaixonadamente os grandes escritores de todos os tempos. “As cicatrizes em minha alma são o testemunho de que se tratou de uma coisa assim” (SABATO, 2000, p. 42). O autor, em vez de estar em desacordo com o mundo, estava em desacordo consigo mesmo. Em cada uma de suas crises ele mudava de rumo e se comportava como se adentrasse em um texto sagrado, como se em cada oportunidade lhe fossem revelados os marcos de uma viagem iniciática (SABATO, 2000, p. 42).

4 Sabato e o mundo por ele vivenciado

Sabato enfatiza o modo de perceber e sentir o mundo. Quando se subordina à memória, lembranças, recordações, reminiscências parecem brincar com a sua percepção, quando vem à tona a capacidade de recuperar o que possuía e se perdeu no tempo. Percebemos, na obra, a solidão associada à melancolia. Sabato narra sua busca por apaziguar a tristeza, ouvindo música, já na fase mais aguda da doença de Matilde, sua mulher. Tudo isso movimentava a recordação de fragmentos de memória de tempos mais felizes. O autor precisava escrever o que sentia. É o que caracterizamos, baseados em Foucault e em outros estudiosos, como escrita de si. Vemos esta tática como um recurso que atenua a solidão. O pensamento sobre si mesmo, para em seguida transformar em escrita de si, é ainda um cuidado de si, povoado por variadas atividades, como leituras, anotações, revisão de conversas, pesquisas e outras modalidades de ocupação do tempo.

Sabato apresenta algumas justificações:

Para apaziguar o caos de minha alma, despejei minhas emoções e ansiedades em uma série de cadernos, diários que queimei quando cresci. Devido a angústia em que vivia, busquei refúgio nas matemáticas, na arte e na literatura, em grandes ficções que me deram guarida em mundos remotos e passados (SABATO, 2000, p. 40).

As leituras de Sabato também o acompanharam durante toda a sua vida, transformada com essas verdades que só a grande arte pode entesourar. Foi um militante

político, envolvendo-se com comunistas e conviveu com anarquistas. Fala do primeiro golpe militar, terrível e sanguinário, quando se instalou a ditadura de Uriburu na Argentina. Aquele primeiro golpe foi decisivo em sua vida, pois passou a viver na clandestinidade. O autor narra a sua vida e a vida dos outros. Ao recorrer à memória e à narrativa dos outros, este estudo busca um meio de solidarizar-se com a ficção e o real, numa autobiografia em que a imaginação supera o imaginário numa produção discursiva do autor, que atua, em muitos casos, como testemunha, “através da experiência pessoal transfigurada autobiográfica e/ou ficcionalmente, de uma época determinada” (MIRANDA, 1992, p. 21). Segundo Miranda (1992, p. 129), narrar é resistir, é agir, rememorar, é tornar duradouro o vínculo resistente e isto, ocorrendo na obra, instaura “uma dimensão que vai além do meramente autobiográfico para coexistir com o ensaístico e com o ficcional ou imaginário”.

Nesse sentido, na obra autobiográfica de Sabato, as lembranças surgem como recordação, transformadas em cicatrizes que deixaram, na alma do autor, testemunho vivenciado como verdades que só a grande arte pode entesourar, como resultante de seu contato com suas leituras. Mas o que ele realizava era também fruto de exercícios continuados, por acreditar que tinha que se manter ocupado e a sua mente captava os augúrios de seus pensamentos.

Sabato ressuscitava coisas de sua juventude, e o que contribuía por vezes para isso era o misterioso poder da poesia, quando ele mantinha conversas evocando anos heroicos de um passado quase sempre distante do presente, surgindo essa possibilidade através de suas meditações.

Segundo Bakhtin (2010), a memória pode ser do passado ou do futuro e, de qualquer modo, a representação da memória não revê os acontecimentos apenas do ponto de vista do narrador, mas inclui outras pessoas, pois o mundo, na autobiografia, circunscreve o ambiente do outro, e nós nos outros é possível revelar os fatos da existência.

Em *Antes do fim*, a utopia é apresentada como algo necessário, pois sem utopias nenhum jovem pode viver em uma realidade horrível, marcada pela falta de respeito e de empatia pela figura do outro e por tudo aquilo que nos torna humanos. Além disso, “o escritor deve ser testemunha insubornável do seu tempo, com coragem para dizer a verdade, e rebelar-se contra todo oficialismo que, cegado por seus interesses, perde de

vista a sacralidade do ser humano” (SABATO, 2000, p. 56). E assim o autor apresenta o conceito de utopia por ele apregoado.

Sabato desiste da função de pesquisador para ser escritor. Não foi fácil para ele, pois convivia com pessoas para quem “a ciência é a criação suprema do homem” (SABATO, 2000, p. 66). Recupera de seu primeiro ensaio, quando expressou no prólogo: “Muitos pensarão que é uma traição à amizade, quando é fidelidade a minha condição humana” (SABATO, 2000, p. 67). Para ele, a criação é essa parte do sentido que conquistamos em tensão com a imensidão do caos. Era isto que dava sentido à existência do autor.

Em suas lembranças, tem uma visão crítica da realidade e costuma cultivar bons sentimentos. Sente-se nele a influência de representantes da antiguidade clássica, com quem mantinha contato, pois ao longo dos anos leu os grandes escritores de todos os tempos. A leitura para ele era uma busca febril: “As leituras me acompanharam até o dia de hoje, transformando minha vida com essas verdades que só a grande arte pode entesourar” (SABATO, 2000, p. 42)

Na obra, está marcado um vínculo do autor com Borges, em que as conversas sobre Platão e Heráclito de Éfeso sempre estão sob o pretexto das vicissitudes portenhas:

Lamentavelmente, em 1956, separaram-nos ásperas discrepâncias políticas – quanto o lamento! –, mas assim como, segundo Aristóteles, as coisas se distinguem naquilo que se parecem, às vezes os seres humanos se afastam por causa do que amam em comum (SABATO, 2000, p. 73).

Sabato reforça as suas lembranças com as realidades que para ele são importantes, lembrando que o escritor deve ser uma testemunha insubornável de seu tempo, com coragem para dizer a verdade, “o que parece provar que o destino sempre nos conduz ao que teríamos de ser” (SABATO, 2000, p. 61). Isso é uma referência ao fato de abandonar a pesquisa para ser escritor, o que provocou muitas críticas de seus pares, tais como a do doutor Gaviola: “Sabato abandona a ciência pelo charlatanismo” (SABATO, 2000, p. 65).

Em se tratando da memória, Sabato tem ideias próprias e a memória individual está quase sempre em sintonia com a memória coletiva. Reconhece o autor que determinados escritores manifestavam uma preocupação verdadeira mas ele respondia

que “só a arte me salvaria”. Homens que se aliaram a sua atitude combativa a uma preocupação espiritual, obras que imaginei como expressão da verdade. O autor revela que a ignorância para outras realidades era comum nele, por isso disse “posso reivindicar a busca apaixonada pelo caminho que segui” (SABATO, 2000, p. 81). Mas o caminho da memória é difícil, segundo discussão de Robin (2016, p. 40): “Lendas instáveis, formas diversas do esquecimento, mudanças de ritmo e novos tempos, muito frequentemente a memória oscila ao capricho das razões e do presente”. Segundo esta autora, vivemos um mundo obcecado pelo passado. Assim, o que é apresentado por Sabato já representaria, quase sempre, um passado do passado, o que resulta no esquecimento do primeiro.

Sabato, no entanto, questiona o tipo de sociedade em que vivemos, que democracia temos, onde os corruptos vivem na impunidade e a fome dos povos é considerada subversiva, o que contribui para a perda da dignidade das pessoas. E afirma: “Fez-me pensar no que está acontecendo: um mundo que parece caminhar para sua desintegração, enquanto a vida nos observa de olhos abertos, famintos de tanta humanidade” (SABATO, 2000, p. 106). E então, isto não pode ser o passado de um passado, mas um presente do passado. São tempos em que o “homem e seu poder” só pareceu capaz de reincidir no mal (SABATO, 2000).

O escritor acata a utopia como uma tábua de salvação. E em meio a tanto sofrimento, mágoas, lembranças e reminiscências, lembra que o homem cabe apenas na utopia e encerra: “Só quem for capaz de encarnar a utopia estará qualificado para o combate decisivo, o de recuperar o quanto de humanidade houvermos perdido” (SABATO, 2000, p. 165).

5 Rumos de sua narrativa: análise e compromisso

O autor quase não conseguia publicar seu primeiro livro, *O túnel*. Depois da primeira publicação, teve uma edição francesa publicada por Camus. Reconheceu que somente a arte o salvaria e diz que o fracasso da arte é sempre trágico.

Em *Antes do fim*, estamos diante de uma narrativa de si, que resulta de uma escrita de si, na representação de uma prática de si. O narrador narra a si mesmo, enquanto expõe seus diversos pontos de vista. Sobre Van Gogh, Guaguin e outros, por

exemplo, afiança: “Homens que aliam a sua atitude combativa a uma séria preocupação espiritual; e que, na busca desesperada de sentido, criaram obras cuja nudez e crueza é o que sempre imaginei como única expressão da verdade” (SABATO, 2000, p. 79).

Sabato, em sendo uma pessoa simples, diz ser um desses homens que se formou nos tropeços com a vida. Reivindica a busca apaixonada pelo caminho que segue. Acha que os pobres são seres especiais e inclui os analfabetos, cheios de bondade, como aqueles que o salvarão. É preciso narrar, pensa. Narrando, as pessoas se lembram dos acontecimentos e recorrem a técnicas narrativas susceptíveis de representar a verdade. No final do século XX, Sabato já narrava, com base nos acontecimentos:

Um exemplo de desumanização a que este sistema nos está levando é o Brasil: enquanto quarenta milhões de famintos povoam o Nordeste, em São Paulo há quase um milhão de crianças sem lar, que roubam nas ruas para ter o que comer, forçados a se prostituir em plena infância, arrematados por cem ou duzentos dólares, assassinados por grupos de extermínio, sequestrados e mortos para vender seus órgãos aos laboratórios do mundo (SABATO, 2000, p. 92).

Acreditamos que alguma coisa tem moldado a literatura, no que se refere às técnicas de escritura, ou mesmo às práticas de si, no emprego insistente do uso da primeira pessoa. Considerada como o modelo de uma autoficção, como característica da narrativa contemporânea, pode ter pontos de contato, mas diferencia-se de narrativas anteriores, embora acreditemos, como Sabato (1982, p. 15), que “tudo se constrói sobre o anterior, e em nada do que é humano se pode encontrar a pureza”. Achamos, no entanto, que nos atos de criação a realidade é o material que aparece transfigurado, enquanto obra de arte, embora a autoficção seja uma máquina produtora de mitos do escritor, conforme posição de Barthes (2003). E em se tratando de memórias, em relatos autobiográficos, conforme trabalhamos em *Antes do fim* (2000), não existe uma produção de mitos, mas representação de verdades, atuando como documentos que testemunham fatos vivenciados por Outros que não apenas a persona – termo usado como autor, segundo Foucault (1992, p. 32-33): “A noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas na história da filosofia também, e na das ciências”.

Continua Sabato (2000, p. 93):

Para todo homem é uma vergonha, um crime a existência de 250 milhões de crianças exploradas, obrigadas a trabalhar desde os cinco, seis anos em tarefas insalubres, em jornadas esgotantes em troca de algumas moedas, com sorte, porque alguns pequenos trabalham em regime de escravidão ou semi-escravidão, sem proteção legal nem médica.

Esses milhões de crianças, analfabetas, mais magras e mais baixas que nossas crianças que vão à escola, sofrem doenças infecciosas, ferimentos, amputações e humilhações de toda espécie. Encontram-se tanto nas grandes cidades do mundo como nos países mais pobres. Na América Latina, quinze milhões de crianças são exploradas.

O narrador questiona a realidade marcada por tais atrocidades, para reproduzir logo após palavras de Nietzsche: “Os valores deixaram de valer” (SABATO, 2000, p. 93). Não estamos, assim, comentando apenas uma autobiografia ou uma narrativa de memórias. *Antes do fim* configura também uma literatura de resistência, de denúncia, de crítica:

O sangue, o horror e a violência questionam a humanidade inteira, e demonstram que não podemos ignorar o sofrimento de nenhum ser humano. Com quanto indignação vi, em um dia de greve geral, a polícia derrubar no chão com despótica violência as painéis que uns operários preparavam sua comida popular. E então me pergunto em que tipo de sociedade vivemos, que democracia temos, onde os corruptos vivem na impunidade e a fome dos povos é considerada subversiva (SABATO, 2000, p. 102).

Em *Antes do fim*, percebemos que o sujeito autobiográfico se constrói também segundo a figura do testemunho (KLINGER, 2012) e o memorialista – na perspectiva de Costa Lima (1986) – se põe entre o ficcionista e o historiador, razão por que este estudioso acredita que a autobiografia não pode ser documento puro, já que o estatuto da biografia é ambíguo.

Conforme uma notícia que o narrador guardara de um jornal, lemos:

Uma mulher, em um inverno rigoroso, vestindo apenas uma camiseta e uma calça, fugiu de um hospital psiquiátrico no desejo de procurar seu companheiro. Aproveitando uma distração do maquinista, roubou uma locomotiva e, fazendo-a funcionar sem dificuldade, começou sua odisseia. Ele havia trabalhado na ferrovia e a ensinara a conduzir trens e muitas outras coisas. “Se vocês soubessem o que é o amor, me deixavam, me deixavam continuar”, dizia ao policial que a deteve, e, enquanto a levavam para a delegacia, as prantos desesperados, gritava: “Você nunca fez nada por amor?” (SABATO, 2000, p. 107).

Em um subtítulo de jornal, lê que quinhentas pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, morrem queimadas na Indonésia, o que faz Sabato lembrar-se de Dante quando descreve o Inferno. Para Sabato, a gravidade da crise afeta a todos social e economicamente. Este segundo capítulo, intitulado “Talvez seja o fim”, é assim encerrado: “Perdido em um mundo de túneis e corredores, atalhos e bifurcações, entre paisagens sombrias e obscuros meandros, o homem treme ante a impossibilidade de toda meta e o fracasso de todo encontro” (SABATO, 2000, p. 121).

O terceiro capítulo se intitula “A dor que vence o tempo”. Nele, Sabato se detém na morte do filho Jorge, lamentando-se: “Na solidão de meu quarto, abatido pela morte de Jorge, perguntei-me que Deus parece esconder-se atrás do sofrimento” (SABATO, 2000, p. 131). Logo a seguir, acrescenta: “Estou vendo você, Jorge, sentado ao piano em um banco, tocando a quatro mãos com Matilde aquelas comoventes obras que nos ajudam a suportar a condição humana” (SABATO, 2000, p. 133). No sofrimento, a persona se apresenta como um eu despedaçado pela tristeza, ao mesmo tempo que introduz um eu desdobrado em várias nuances, relembrando Jorge como um ser que tinha respeito pela criatura humana, amor pelos pobres e desamparados, por quem trabalhou durante toda a sua vida. Segundo o pai, ele era de uma humildade irritante, e isto lhe agradava, o que o faz dizer que escutando a música que ele amava, aguarda com infinita esperança reencontrar-se com Jorge em um possível segundo plano de existência. Assim surge um eu que classificamos como crente, um eu transcendente, visto como espiritual, que se eleva acima dos outros. Um eu que busca superar a tristeza, cultivando uma memória reconstrutiva, que não está centrada num tempo cronológico, igual para todos, mas num tempo de escolha, o *kairós*, tempo existencial que se refaz, se reconstrói, se repensa para englobar lembranças desconectadas, como a saudade de Jorge, de Matilde, de quem também rememora a sua morte e a falta que lhe faz, ao tempo em que introduz Elvirita, uma das pessoas mais queridas na sua vida. Fala das crianças para quem o passado não existe e o futuro é invisível. Relendo Santo Agostinho, destaca, para fixar a ideia existencial do tempo:

Na eternidade nada passa, tudo é presente, o passado vem empurrado por um futuro, e o futuro vem atrás de um passado. Quem prenderá o coração do homem para que pare e veja como, estando imóvel, a eternidade governa os tempos futuros e passados, sem ser nem futuro nem passado (AGOSTINHO *apud* SABATO, 2000, p. 138).

Para Sabato, a ausência de Jorge é irreparável e ele cogita se o essencial do homem se revela em suas carências, quando tem oportunidade de observar como os pobres se ajudam mutuamente. Pensando em Matilde, diz que em seus anos finais, sucumbida pela doença, foi quando mais a amou. Além disso, sua preocupação com os jovens também faz-se latente em *Antes do fim*, como na declaração a seguir:

E então continuo este testemunho, ou epílogo, ou testamento espiritual, ou como queiram chamá-lo, dedicado a esses rapazes e moças desnorteados, que se aproximam por vezes timidamente ou, por vezes, como quem procura uma tábua no mar, depois de um naufrágio. Pois acho que é apenas isso o que posso oferecer-lhes: precários restos de madeira (SABATO, 2000, p. 149).

Considerações finais

As dúvidas que Sabato tem sobre a fé também fazem parte de sua escrita de si. Recorre a santos, a escritores e a outras pessoas – Maria Madalena e até Cristo. Cita uma frase de Oscar Wilde: “Onde há dor, há um solo sagrado”, e arremata dizendo: “A maior nobreza dos homens é a de erguer sua obra em meio à devastação, sustentando-a incansavelmente, a meio caminho entre a agonia e a beleza” (SABATO, 2000, p. 152).

No epílogo, intitulado “Pacto entre derrotados”, Sabato (2000, p. 157) se dirige aos jovens, dizendo-lhes: “Tenho fé em vocês. [...] Temos que nos abrir ao mundo. [...] É a vida e nossa terra que estão em perigo”. Desenvolve-se um eu histórico quando a função de autor estabelece que responsabilizar-se pela dor do outro coloca-nos acima da fatalidade da história, quando milhões de seres no mundo sobrevivem heroicamente na miséria. Estes são os mártires que encontramos nos meninos de rua, nos velhos que dormem nas galerias do metrô – em todos os homens abandonados ao sofrimento e a sua indignação.

Após apresentar muitos dos valores em que acredita, Sabato (2000, p. 165) ainda suscita que:

Saiamos para os espaços abertos, arrisquemo-nos uns pelos outros, esperemos ao lado de quem estende os braços, que uma nova onda da história nos erga. Talvez isso já esteja acontecendo, de modo silencioso e subterrâneo, como os brotos que pulsam sob a terra do inverno [...]. Pensem sempre na nobreza desses homens que redimem a humanidade. Com sua morte entregam-nos o valor supremo da vida, mostrando-nos que o homem cabe apenas na utopia. [...] Só quem for

capaz de encarnar a utopia estará qualificado para o combate decisivo, o de recuperar o quanto de humanidade houvermos perdido.

Enfim, podemos afirmar que esta obra é mais do que uma escrita de si e também do que uma escrita do outro. Aliás, Sabato já a apresenta em “Palavras Preliminares” como uma espécie de testamento; ademais, em outros momentos de seu texto, chegou a fazer referência a ele como testemunho, epílogo, testamento espiritual ou até mesmo “precários restos de madeira”. Após entrarmos em contato com a memória individual e coletiva, acreditamos, na esteira de Halbwachs (2006, p. 31), que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”. Sabato, assim, mostra-nos que suas verdades, tanto no plano filosófico quanto no plano do imaginário (sendo metáfora da vida), são marcas de um talento *sui generis*, alicerçado em uma proposta de resistência que contempla ambos o privado e o público – o individual e/como coletivo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.
- BARTHES, R. *Como viver junto*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COSTA LIMA, L. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. Mara Thereza da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- _____. *O que é um autor*. 3. ed. Trad. António F. Cascais, Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.
- _____. *A coragem da verdade*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HUTCHEON, L. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 1980.
- KLINGER, D. *Escritas de si, escritas do outro*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- MIRANDA, W. *Corpos escritos*. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP/UFMG, 1992.

ROBIN, R. *A memória saturada*. Trad. Cristiane Dias, Greciely Costa. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016.

SABATO, E. *Antes do fim*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *O escritor e seus fantasmas*. 2. ed. Trad. Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

Data de recebimento: 30/03/2018

Data de aceite: 14/10/2018